

O masculino

O campo da psicanálise se inicia a partir da escuta de uma mulher. Predominantemente, foi a partir da escuta delas, e de seus sintomas, os quais enunciavam algo para além das queixas que recaíam sobre seus corpos, que Freud pôde escutar o saber inconsciente.

Mesmo escutando tantas mulheres e dando a elas a possibilidade de se interrogarem acerca de seus desejos, Freud não se livrou de ser acusado de misógino. Parece que a acusação que recai sobre os ombros do pai da psicanálise é a própria denúncia do equívoco que a interpretação de sua obra pode causar: sempre corremos o risco de sermos interpretados como falocêntricos – no sentido que o senso comum atribui a esse termo. Como se tomarmos o falo como um conceito nos fizesse diminuir ou, até mesmo, excluir a importância do feminino na teoria psicanalítica.

Formalizar uma teoria e se servir dela em nossa prática não ignora nenhuma pauta social. Se há algo que não podemos jamais ignorar, é a importância da luta por direitos iguais e pela inclusão das minorias em qualquer sociedade. Não é válido apenas o argumento de que é de direito de todos ocupar lugares sociais, mas, principalmente, que cada um possa usufruir de sua própria vida, da maneira que

assim desejar. Essa é a nossa premissa, nossa ética. Portanto, apontar os efeitos da diferença sexual e das diferenças em relação às duas posições de gozo, o campo do *todo* e do *não-todo*, não exclui os direitos iguais. Porém haver direitos iguais enquanto cidadãos não significa que não existam diferenças – subjetivas, de gozo, etc.

Hoje, ao falarmos sobre qualquer questão que toque a sexualidade, há sempre um risco de sermos interpretados como se não levássemos em conta o sofrimento dos sujeitos; bem longe disso, é por justamente levarmos em conta os efeitos, às vezes nefastos, de um discurso que se faz cada vez mais importante, a discussão e o debate das questões que envolvem sexo, sexualidade e sexuação.

Além dos efeitos na subjetividade dos seres falantes, temos que levar em conta também os equívocos de interpretação da própria psicanálise, ao lermos trabalhos e escutarmos falas que aproximam a teoria lacaniana das teorias de gênero.

Há alguns anos, alguns psicanalistas respeitados, que jamais desvirtuariam o pensamento lacaniano, se manifestaram em tom de brincadeira a respeito das teorias de gênero e dos movimentos identitários, afirmando que não corríamos nenhum risco e que isso não significava a extinção da diferença sexual. Sim, não significa porque ela é também Real, e quanto a isso sabemos: o Real retorna, e eu acrescentaria, se impõe, trazendo consequências, sem dúvida alguma, da tentativa da exclusão dessa dimensão.

Acredito que esses psicanalistas não calculavam os efeitos de tais discursos, uma vez que, aliado às tecnociências e ao capitalismo, um mercado de corpos se abriu não só aos adultos – que desejam adequar seus corpos aos seus desejos, identidades, anseios, etc., buscando assim um apaziguamento para um sofrimento psíquico – mas também as crianças, que são diagnosticadas como transexuais, antes mesmo de poderem incorporar a diferença sexual.

A psicanálise é subversiva e, longe de trazer conforto, é no desassossego e no espanto que produzimos saber, portanto correremos sempre o risco de sermos cancelados se realmente sustentarmos a teoria psicanalítica, não perdendo de vista o rigor necessário ao nos dizermos lacanianos.

Lacan nos adverte que devemos estar atentos ao discurso de nossa época, uma vez que somos seres falantes e que, ao endereçar a alguém uma mensagem, se o outro acredita, a palavra está dada.

Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num momento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas.²³

Bem, cabe perguntar: qual é a espiral de nossa época? E o que recolhemos na clínica como efeito dela?

A psicanálise não pretende imprimir um modelo de vida. Nossa práxis é fundamentada na escuta singular de cada um que nos chega com seus sofrimentos e com os efeitos de sua relação com o Outro, com a linguagem e os significantes que marcaram sua história, e que, a partir de um percurso de análise, poderá desencadear uma verdade. Ainda que o Outro porte em si, enquanto tesouro dos significantes, os efeitos de sua época e o discurso no qual está inserido, não há como assegurar nenhum destino pelo encontro com o Outro da linguagem, ou seja, não há nenhum modelo social que oferte um sentido prévio. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas não é simplesmente uma linguagem dada pelo Outro social. O sofrimento de cada um e a forma como cada um pode gozar de seu corpo, na relação com sua constituição subjetiva, marcam a possibilidade ou não de articular desejo, gozo e sintoma.

Por isso afirmamos que a posição de cada um ante o outro do sexo não está determinada pelo *eu* ou por uma identificação egoica a um modelo social, mas a partir do que recolheu do encontro com o Outro e dos efeitos operados pela inscrição do Nome-do-pai.

23 LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324. p. 322.

Freud nos deixou com a pergunta: “O que quer uma mulher?” e muito se trabalhou para se aproximar de uma resposta. Aqui, nos propomos a avançar sobre o masculino e de que forma um homem pode exercer sua virilidade e se servir dela sem, com isso, vir a ser tomado como um violento, abusador ou misógino.

A anatomia é o destino?

Não se nasce nem homem e nem mulher, torna-se

Ao nascer, o *infans* é recebido por um Outro, que produzirá marcas em seu corpo, através das palavras que lhe forem dirigidas, dos olhares, dos toques, dos cuidados, que estarão sempre recobertos pelo investimento de desejo desse Outro. A partir desse encontro, a linguagem esburaca o corpo e não podemos mais chamá-lo de um corpo puramente orgânico.

A constituição subjetiva é o efeito desse encontro, das marcas que ele produz e de como a criança responde a esse investimento. Não podemos calcular quais serão os efeitos dessa relação, pois não se trata de ter a melhor pedagogia e os melhores conhecimentos, mas de sabermos que é a partir do Outro que o sujeito se constitui.

Primeiramente, a mãe vai fazer com que seu filho compreenda o que ele significa para ela, e é interessante constatar que o valor de um filho para sua mãe é o que vai marcá-lo por toda a sua vida.²⁴

A espera de um bebê já está marcada pelo Real da experiência em si, pois existe algo que não pode ser colocado em palavras. Algo que se refere à anterioridade das marcas já produzidas na mãe e que darão as primeiras tonalidades desse encontro.

Portanto não é só com o peso do corpo do bebê nos braços que algo começa a se produzir, o significante antecede essa situação. E sua anterioridade não fala só da espera em si de um(a) filho(a), mas

24 MELMAN, Charles. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2005. p. 44.

daquilo que está na origem desse Outro, ou seja, o Outro é anterior ao nascimento da criança.

Sendo assim, ao receber um filho, uma mãe e um pai já marcaram a chegada com tudo que trouxeram de si e da espera, e se apoiando na materialidade da superfície corporal que coloca duas possibilidades, menina ou menino, se faz a escolha do nome, que já constitui uma identidade sexual prévia. Essa primeira marca já porta o Real do dizer sexuante dos pais que, através de seus olhares, do consentimento de uma imagem ao espelho, das respostas que eles puderem dar às perguntas que tocam o sexual de cada um, sustentará ou não essa diferença.

Ao interrogar o sexo diante do espelho, a criança se volta para os pais, a mãe ou o pai, ou o Outro encarnado que estará lá para responder, e não é sem efeitos essa resposta. Resposta que terá sido elaborada a partir do que as palavras de um filho tocam no Real dos pais.

O dizer parental que faz sujeito da anatomia é um dizer sexuante *a priori*, ele dá ao sujeito uma pré-identidade sexual que está antes de qualquer verdadeira sexuação. [...] o dizer sexuante a partir do ter o pênis, é um menino, é uma menina, predica sobre o ser do sujeito, digamos, sobre sua identidade, e é uma pré-identidade.

Para cada sujeito, tudo começa com o dizer *a priori*. Mas nem tudo se detém aí, porque a função desse significante fálico depende do discurso, esse discurso que os próprios pais do dizer sexuante transmitem.²⁵

Como efeito do dizer, o anatômico, o *ter* anatômico passa ao *ser* do sujeito sexuado.

Os pais que não podem transmitir esse dizer delegam ao seu filho uma escolha que não há como ser feita, pois não se trata de uma opção consciente acerca de qual identidade se quer performar, como supõem os adeptos das teorias do gênero, e deixam a sexualidade e a constituição à deriva, sob as formas de um capricho.

25 SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*. 2. ed. São Paulo: Aller, 2020, p. 44.

Freud se interrogava se a anatomia seria o destino, eu pergunto o mesmo: será que a anatomia será o destino? A anatomia só pode ser um destino se o corpo for marcado pela linguagem. Esse corpo que temos será o suporte material do gozo, mas não se confunde com sermos o corpo.

É nos contornos do esburacamento da superfície corporal que se dá a possibilidade de usufruir dele. Tomemos o caso do pequeno Hans: é no momento de encontro com o gozo do corpo e o excesso do Outro que a fobia surge.

Não basta ter um organismo, um biológico funcionando, é preciso imaginá-lo, simbolizá-lo e realizá-lo. No primeiro despertar sexual desse menino, já havia um excesso que precisou recorrer à suplência de um significante que colocasse um interdito na mãe.

A marca desse excesso está na angústia que o menino sofre, e no impedimento que se impõe a cada vez que se depara com um cavalo. Portanto podemos afirmar que a superfície do corpo é o nosso apoio material da satisfação pulsional e que, se não houver a possibilidade de uma significação fálica, que o menino possa renunciar a ser o falo materno, não há como usufruir de sua virilidade herdada do pai.

Não é o corpo que promove a possibilidade de que cada um possa se posicionar frente ao outro sexo, e também, porque não dizer, usufruir desse encontro. Tal qual Lacan afirmava: o ser sexuado se autoriza de si mesmo, dentre outros. Essa autorização não parte do *eu*, e nem é dada pela performatividade do semblante, é uma posição do inconsciente. Porém a problemática se dá na possibilidade de fazer ato e se dirigir ao objeto de desejo, àquele que porta o objeto causa de desejo, *a*, nos tempos atuais, em que fazer exercício de gozo é sinônimo de aniquilação do outro.

Falo como operador lógico da estrutura

Desde os primórdios da psicanálise, somos advertidos constantemente de que o falo não se confunde com o pênis. Tomemos a afirmação de Lacan na significação do falo: “... e menos ainda o

órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza”²⁶. O falo é um significante. E, portanto, é no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele.

Para tal, é necessário que apareça no lugar do Outro uma falta, um enigma, que será suportado pelo Nome-do-pai.

Quando afirmamos que Lacan pôde ler algo no dizer de Freud, penso que isso se refere a esses momentos em que ele nos apresenta algo além da afirmação de Freud. O *work in progress* parece iniciar na própria obra de Freud e termina em Lacan. E penso que é encantador poder se servir desse avanço! Um avanço que propõe a depuração da letra que porta a própria teoria psicanalítica.

Estou tentando aqui ensiná-los a substituírem a mecânica, a economia das gratificações, dos cuidados, das fixações, das agressões, pela noção fundamental da dependência primordial do sujeito em relação ao desejo do Outro.²⁷

Ele mesmo nos adverte sobre a necessidade de nos desprendermos de uma narrativa voltada apenas para a dimensão imaginária da experiência de cada um, e nos atermos as funções lógicas de cada operação constitutiva.

Na estruturação do sujeito, há uma inscrição, uma marca que se liga às suas representações enquanto desejante, uma vez que está submetido à lei do desejo do Outro. Ela se dá a partir do que pôde recolher da relação com o desejo da mãe ou daquele que ocupa esse lugar de Outro primordial; se foi levado a se tornar ou não aquele que atende a esse desejo; se pôde se tornar ou não o ser desejado. Dessa dialética primordial do desejo, surge uma relação outra na qual intervém, além da mãe, um terceiro, o pai, ou aquele que ocupa a função paterna.

26 LACAN, Jacques. A significação do falo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703. p. 696.

27 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 282.

Ou seja, a criança que é tomada como falo (imaginário) terá que sofrer os efeitos da presença e ausência da mãe, que terá como significado o falo, o endereçamento do desejo a esse terceiro, portador do falo. A criança, privada de ser completude, pode sofrer os efeitos da metáfora paterna, fazendo surgir, no lugar do enigma do desejo da mãe, o Nome-do-pai. A partir da eficácia da metáfora paterna, o falo passa a operar na estrutura como significante da falta, articulador do desejo.

Não há como desvincularmos o falo em sua função constitutiva nessa dialética, a introdução do “sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher”²⁸.

O falo, portanto, não é uma marca exclusiva do masculino, mas um articulador que opera na estrutura, seja daquele que se coloca no campo do masculino ou do feminino, o que implicará diferentes posições, portanto as duas passam pela significação fálica.

É a partir da significação fálica, da eficácia da metáfora paterna, ou seja, da castração, que tomamos a articulação do sujeito ao desejo e que, então, falamos de sujeito desejante. E também é a partir dela que existirá a possibilidade do sujeito assumir uma posição viril:

A introdução do sujeito na dialética que lhe permitirá assumir um lugar e uma posição na transmissão dos tipos humanos, que lhe permitirá, por sua vez, tornar-se pai, nada disso se realiza sem o que chamei há pouco de mutilação fundamental graças a qual o falo se torna o significante do poder, o cetro, e também aquilo graças à qual a virilidade poderá ser assumida.²⁹

O falo também opera na dialética feminina, porém a articulação se dará de outra maneira.

28 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 287.

29 *Id.*, *ibid.*, p. 285.

Dito isso, como é que, a partir de um único termo, o falo, obtém-se a distribuição dos indivíduos em duas metades? É o que Colette Soler pode nos esclarecer: “A distinção entre ser ou ter o falo, pela qual em “A significação do falo”, Lacan procurou abordar a divisão entre os sexos, é esclarecida pelo uso das funções proposicionais”.³⁰

Essas funções estão no avanço de seus seminários, numa elaboração mais rebuscada que nos permite localizar duas posições de gozo a partir das fórmulas quânticas da sexuação, o campo do *todo* e o campo do *não-todo*.

Esse “todo” e esse “não-todo”, representam duas possibilidades do sujeito falante, duas vertentes da estrutura. Em “O aturdido”, Lacan faz uma pergunta: $\forall x \Phi x$, que quer dizer isso? Quer dizer que todo sujeito como tal se inscreve na função fálica, e é justamente por isso, por outro lado, que ele também pode dizer que, se as mulheres estão não todas na função fálica, nem por isso deixam de estar nela.³¹

Lacan afirma no *Seminário 21* que, para que haja O homem, é preciso que haja a castração.³² É a partir do universal da castração, no campo do todo, que há um sinal de reconhecimento de virilidade. O masculino, portanto, diz respeito a uma posição de gozo que se dá a partir do efeito da castração.

Ser homem

Não há uma transmissão cultural do que é ser homem, não há em cada um de nós um saber inato a partir de nossos genes, para guiarem uma conduta, seja ela sexual ou não.

A posição viril e, portando, de gozo de um homem, jamais estará definida por padrões e modelos sociais ou, até mesmo,

30 SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 225.

31 *Id.*, *ibid.*, p. 226.

32 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 21: os não tolos vagueiam* [1973-1974]. Salvador: Espaço Moebius, 2016. p. 184. Publicação não comercial, para circulação interna.

pedagógicos, que garantam àquele que nasce portador de um pênis uma posição masculina.

Cada vez mais nossos divãs são ocupados por homens, que se interrogam sobre suas posições diante da vida, das mulheres, da família, etc. As formas de expressão da virilidade já não são mais as mesmas, e a construção da identidade masculina hoje é mais complexa. “Não basta ser forte, viril, corajoso, acumular conquistas e não mostrar seus sentimentos; para um homem, saber expressar suas emoções, de agora em diante, é um sinal de inteligência em vez de fraqueza”³³. Um homem deve ser viril? Terno ou, quem sabe, presente? Permissivo ou enfático em suas ideias? Se o homem era o chefe de família, aquele que ocupava o lugar central da mesa, hoje ele não sabe mais qual é seu lugar ao se sentar para jantar.

Proponho pensarmos o efeito das mudanças sem questionar a relevância social delas, fazendo uma ressalva importante: para uma mulher, amar um homem não é enfrentar um inimigo.

Seguindo essa corrente, podemos interrogar o roteiro fantasístico que hoje se articula quando o homem passa a questionar seu lugar no mundo a partir de todas essas mudanças.

A estruturação do desejo se funda a partir da fenda que se abre no Outro e que permite formular a questão: *Che Vuoi?* (o que queres de mim?), via de acesso ao desejo, e posição de gozo, pelo fantasma que se constitui articulado a um roteiro. A estrutura do roteiro fantasmático pode obedecer à mesma lógica operacional a partir de um roteiro completamente outro. O problema se dá quando um homem, no exercício da virilidade, o que implicaria poder usufruir de sua posição desejante, tomando o outro do sexo como objeto *a*, causa de seu desejo, não pode fazê-lo sem que isso seja tomado, por um certo discurso, como uma eliminação do respeito à mulher, como uma violência.

Freud nos apresenta a ambivalência que o objeto de amor porta e a dificuldade de se servir sexualmente dele em seu trabalho: “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”. Ele esclarece o quão

33 HEFEZ, Serge. *Homens no divã: relatos sobre a crise de identidade masculina*. São Paulo: Benvirá, 2013. p. 12.

difícil é tomar para si, enquanto objeto de satisfação sexual, a mulher amada, idealizada, sem que isso seja tomado com desrespeito e, por essa razão, é mais fácil desenvolver sua plena potência quando tem diante de si um objeto degradado.

A divisão estava clara: “Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar.”³⁴

O trabalho elaborado por Freud buscava responder o que levava alguns homens ao impedimento de exercer a sua sexualidade. Não estamos mais na era vitoriana, quando o respeito às mulheres se dava pela condição de olhá-las de maneira mais puritana. Hoje, o respeito se dá por outra expressão, amá-las e desejá-las, sem reduzi-las a uma posição objetual. O conceito de *objeto causa de desejo*, objeto da fantasia, não significa que os homens devam tomar as mulheres como objeto no sentido literal.

Pensemos a partir do que Freud coloca a respeito da pulsão sexual: não há plena satisfação. A operação do recalque, a proibição do incesto, faz com que o objeto de satisfação esteja radicalmente perdido, sendo apenas representado por seus substitutos. Num deslizamento metonímico de objeto em objeto há a busca pela satisfação. A lógica própria do desejo se dá na relação com o objeto perdido.

A relação com o objeto se dá por sua representação. Uma vez perdido, abre o acesso ao campo do desejo, e aquele que goza a partir do campo do *todo* endereçará sua busca à portadora do objeto *a*, objeto de sua fantasia, que não estará por isso reduzida a um puro objeto, destituída da sua subjetividade na realidade por ser tomada como causa de desejo. Assim, como nos alerta Marcus do Rio Teixeira, há uma crítica hoje ao fato de uma mulher se colocar sensualmente para um homem:

É comum encontrarmos críticas à “objetificação” da mulher, entendendo-se por esse termo a forma como um homem heterossexual toma

34 FREUD, Sigmund. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa: contribuições para psicologia da vida amorosa – II [1912]. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v.7: Amor, sexualidade, feminilidade, p. 137-153. p. 142.

uma mulher como “objeto sexual”. Daí a aproximar o desejo masculino da conduta criminosa, do abuso sexual, é um passo. Nesse caso, há uma confusão monstruosa entre o que é da ordem do desejo e o que é do âmbito do ato delituoso, do crime. Quando a teoria psicanalítica fala sobre o mecanismo do desejo sexual, que se dirige ao corpo do parceiro ou da parceira, tomando-o como objeto, o que a teoria descreve é a *condição do desejo*, que abrange todos os seres falantes, sejam homens ou mulheres. Ninguém é tomado pelo desejo sexual enquanto *pessoa*, qualquer que seja o sentido que se dê a esse termo, mas enquanto objeto parcial.³⁵

O problema é que alguns homens, no seu ódio ao feminino, enunciam falas e praticam atos que horrorizam toda a sociedade, tanto as mulheres quanto os homens. E de fato devemos combater todo discurso de ódio ao feminino, porém não devemos considerar que o exercício da virilidade, ao tomar uma mulher como causa de seu desejo, seja o mesmo que a redução dela a um objeto ou, como alguns supõem, equivalente à violência dirigida ao feminino.

O que encontramos e com o que nos deparamos hoje em nosso divã é a angústia dos homens ante suas parceiras, sem poder se servir e usufruir do encontro amoroso, sexual. Como nos alerta Freud:

As pulsões amorosas são difíceis de educar, sua educação produz ora em demasia, ora muito pouco. O que a cultura quer fazer com elas não parece atingível sem perda sensível de prazer: a persistência das moções não fruídas se deixa conhecer como insatisfação na atividade sexual.³⁶

O combate à misoginia não deve se confundir com o combate ao masculino.

35 TEIXEIRA, Marcus do Rio. O objeto *a* na teoria da sexualização. In: TEIXEIRA, Marcus do Rio; PITAVY, Thatyana (Org.). *Sexualização e gozos no Seminário Encore*. Salvador: Ágalma, 2024. p. 168-187. p. 179

36 FREUD, Sigmund. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa, *op. cit.*, p. 137-153, p. 150.

A mulher é sintoma para o homem

No avanço de seu ensino, Lacan confere ao sintoma outra dimensão, não mais como metáfora, mas como Real. Ou seja, o sintoma passa a ser parte do real, do gozo e de *lalangue*. Isso nos coloca uma questão clínica muito importante, na medida em que não se trata mais de tomar o sintoma como pretensão de mudança, alívio de sofrimento, num sentido terapêutico, mas como uma modalidade de gozo.

O sintoma é uma forma de expressão do inconsciente, parte da estrutura do *falasser*, e é através dele, a partir do inconsciente, que ele supre a forclusão da relação sexual.

Dizer que a relação sexual não existe é o mesmo que afirmar que não há relação/proporção, e não que não exista um relacionamento entre dois parceiros. Mas é preciso entender que a relação sexual se estabelece “não entre dois que irão gozar reciprocamente de seus corpos, mas entre dois objetos que não são os mesmos para um e para outro do sexo”³⁷.

É o sintoma que supre esse desencontro radical. Para que um homem possa, então, gozar de sua posição de gozo, de sua posição de todo, ele se endereçará ao objeto de sua fantasia, objeto *a* causa de seu desejo, articulando, portanto, esse gozo a seu desejo.

Se recuperarmos o sintoma não como definição de adoecimento, mas como a possibilidade de articulação entre gozo e desejo, tomar a mulher como tal tem relação com a constituição desse sujeito com aquilo que o enoda e lhe garante uma consistência, permitindo estruturar sua relação com o gozo.

Para que um homem possa desejar uma mulher ela será representante do objeto *a* de sua fantasia, e ser aquela que o representa, não a reduz a uma pura posição de objeto degradado.

É a partir de todas essas noções que podemos afirmar que, para a psicanálise, o masculino diz respeito a uma posição de gozo e, também, à possibilidade de usufruir dela, e não uma resposta a um

37 MELMAN, Charles. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?*, *op. cit.*, p. 25.

modelo social. Porém, ante certas concepções de um discurso militante, provenientes de um imaginário inflado, que afirmam que toda a masculinidade é um traço de violência e opressão contra a mulher, como colocar em exercício essa posição?

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa: contribuições para psicologia da vida amorosa – II) [1912]. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v.7: Amor, sexualidade, feminilidade, p. 137-153.
- HEFEZ, Serge. Homens no divã: relatos sobre a crise de identidade masculina. São Paulo: Benvirá, 2013.
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.692-703.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. A significação do falo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692.703
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 21: os não tolos vagueiam* [1973-1974]. Salvador: Espaço Moebius, 2016. Publicação não comercial, para circulação interna.
- MELMAN, Charles. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2005.
- SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*. 2.ed. São Paulo: Aller, 2020.
- SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- TEIXEIRA, Marcus do Rio. O objeto *a* na teoria da sexuação. In: TEIXEIRA, Marcus do Rio; PITAVY, Thatyana (Org.). *Sexuação e gozos no Seminário Encore*. Salvador: Ágalma, 2024. p. 168-187.